

FORTALEZA

O TRISTE MUNDO DE CECÍLIA



>> EM ENTREVISTA, adolescente revela sua trajetória de vida e denuncia esquema de exploração sexual e de venda de drogas em Fortaleza por parte de policiais. Entre os denunciados, um inspetor, um delegado e uma delegada

Cecília (nome fictício) tem 16 anos. A voz e os traços ainda são de menina, mas o aspecto é o de uma mulher com mais de 30. O fotógrafo a conhecia de dois anos atrás, também da BR-116, noutra pauta sobre infância, mas se surpreendeu quando a viu novamente. Está com o olhar cadavérico, suja, magra, cabeluda e viciada em crack. Admite que perdeu quase 20 quilos desde o ano passado. A agitação ao falar dá pistas de que consumira pouco antes da conversa. Estava com o “pescoço na seda”, gíria para quem deve a traficantes. Comprou algumas “pulgãs” e não pagou. Numa das várias denúncias graves que apresenta ao longo de mais de uma hora de conversa, diz que trabalhou por mais de dois anos para um inspetor, um delegado e uma delegada, revendendo drogas numa casa que ficava a poucos metros da delegacia do Pirambu. Segundo ela, foi a partir dali, aos 13, que se iniciou no vício.

Há mais denúncias. Os mesmos policiais teriam lhe usado, por ser adolescente, para forjar flagrantes nos motéis. Entravam nela e um policial à paisana como clientes, ficavam nus, a cena montada era “descoberta” e o proprietário ou gerente passavam a ser extorquidos. Também nos motéis, o inspetor transava com ela enquanto cheirava cocaína e repartiam o crack. Com ou sem camisinha, Cecília não lembra. Os delegados repartiam lucros.

Sem as revelações, só a história de vida de Cecília já seria constrangedora para quem ouve. Perdeu a virgindade aos 11, num estupro. Antes, fugira de casa ao ver o padrasto, suposto assassino do pai dela, tentando abusar-lhe sexualmente. A mãe não acreditava no que contava e ela decidiu deixar a Bahia; veio com uma amiga para o Ceará. Cecília faz programas sexuais por R\$ 10,00 na beira da BR-116. Com o dinheiro, paga por crack e alguma comida.

Durante a conversa, dentro do carro de *O POVO*, em frente a uma praça na Cidade dos Funcionários, as mãos enrugadas de Cecília desfiavam a saia de linha. As unhas sujas coçam um ferimento no canto do olho, um outro na perna à mostra. Inquieta, abre os braços, pede dinheiro, mexe as mãos de um lado a outro. Fora do carro, desapegada de qualquer pudor, mantém-se de pé e urina ali mesmo. “Não tenho medo de morrer. Já vivi foi muito. Não aproveitei nada que preste. Só acontece coisa ruim”.

A gravação com as denúncias de Cecília foi repassada para a Corregedoria dos Órgãos de Segurança Pública e para o Ministério Público Estadual. Os nomes dos denunciados não serão publicados para que não atrapalhe o andamento das apurações, mas *O POVO* acompanhará o caso. (Cláudio Ribeiro)

→ LEIA A ÍNTEGRA da entrevista na Internet (www.opovo.com.br)

O POVO - Você nasceu onde?
Cecília - Na Bahia.

OP - Como chegou a Fortaleza?
Cecília - Cheguei aqui tinha 11 anos. Agora tenho 16.

OP - Você veio com quem pra cá?
Cecília - Vim com uma amiga minha. Quando vim, ainda era moça. Aí “vinhemo” combinada pra ela fazer programa e sustentar nós duas. Só que aí... quando a gente chegou eu ficava esperando ela debaixo do viaduto, aí um cara me pegou, botou um revólver na minha cabeça e me “estrupou”.

OP - Você tinha quantos anos?
Cecília - Tinha 11 anos.

OP - Isso aconteceu onde?
Cecília - Foi no viaduto da (avenida) Oliveira Paiva.

OP - Mas você fazia programa?
Cecília - Não. Ficava esperando ela. Um cara num carro preto parou, nem perguntou o que eu estava fazendo nem nada. Eu tava debaixo do viaduto, sempre ficava lá esperando ela. Ela fazia programa e eu ficava esperando. Quando era onze horas a gente ia embora. Ele parou, botou a mão na cintura, pegou um revólver e me arrastou pra dentro dos matos. Deixou o carro ligado na BR. Quando acordei já estava no hospital “por causa que” ele deu uma pancada aqui ó, pegou oito ponto na minha cabeça. Aí desmaiei. Mas não sei quem levou “eu” pro hospital.

OP - Isso foi à noite ou de dia?
Cecília - Foi de dia. Fugiu de casa “por causa que” meu “pradasto” tentou me “estrupar”. Eu disse pra minha mãe e ela não acreditou em mim. Aí eu fugi de casa, a minha amiga me chamou pra nós “vim”

pra cá. Aí depois eu passei um ano na Febem, eles disseram que iam me deixar de volta (na Bahia) aí eu fugi de Recife pra cá de volta.

OP - Não entendi. O estupro foi aqui. Você fugiu de Recife?
Cecília - Eu já estava com um mês na Febem, fui pra outra, passei um ano. Lá era casa de passagem só. Era um dia de domingo, eles me levaram pra Recife, quando fosse no outro dia eu ia pra Bahia de ônibus. Tinha uma pessoa acompanhando. Aí fugi de volta porque não queria ir pra casa. Lá chegou o encaminhamento pra eu ir de volta pra minha cidade, Juazeiro da Bahia. Fui no avião da “Varg”, até Recife. No outro dia eu ia num ônibus. Ficar num abrigo em Recife pra ir de ônibus. Comi, tomei banho e fugi.

OP - Voltou pra Fortaleza?
Cecília - Foi. Voltei com um camioneiro. Até hoje tô aqui. Cheguei aqui, o juiz soube, ele disse que eu cheguei primeiro “do que” o avião (risos).

OP - Isso tudo você tinha 11 anos?
Cecília - Tinha 11 anos.

OP - Mas desde então você passou a fazer programas?
Cecília - Não. Ficava no meio da rua, conheci os meninos...

OP - Ficou sozinha?
Cecília - Sozinha. No meio da rua. Dormia no posto São Cristóvão (km 12 da BR-116), debaixo das “cegonha” (carreta que transporta veículos pequenos).

OP - E pra arranjar comida?
Cecília - Pedia. As pessoas pagavam nos meus peitos, davam dinheiro, aí eu comprava comida.

OP - Foi daí que você passou a fazer programas?

Cecília - Não. Depois conheci uma menina, a gente foi pro Pirambu.

OP - Essa menina era adolescente e também fazia programa?
Cecília - Anrran (Confirma). Ela cheirava cola. Tinha 13 anos. Aí nós fomos pro Pirambu e lá... será... (pausa) Será que pode falar?

OP - Pode falar o que você quiser.
Cecília - Aí eu conheci um policial, inspetor da Civil (diz o nome do policial). Ele alugou uma casa e botou “eu” dentro.

OP - Prometendo o quê?
Cecília - Ele pegou e disse que... Pode dizer, né?

OP - Pode falar.
Cecília - Ele disse que ia me dar de tudo, me sustentar, mas em troca que eu vendesse pedra de crack pra ele lá no Pirambu. Perto da delegacia do 7º Distrito. Ele trabalhava com o delegado (diz o nome do delegado).

OP - E o delegado sabia disso, que ele vendia crack?
Cecília - Sabia. Que eu vendia pra ele. E a doutora (diz o nome da delegada) também sabia.

OP - E o que o delegado dizia?
Cecília - Era pra eles três.

OP - O dinheiro?
Cecília - Sim. Pra doutora, pro delegado e pro policial (repete o nome dos três). Era o inspetor que pagava. Aí eles botavam uns “pedação” bem grandão na mesa. Tinha um homem lá que fumava pedra, cortava, “dolava” (enrolava no papel) e deixava pra mim.

OP - Esse homem que fumava era policial também?

Cecília - Não conheço. Sei que ele ia só cortar lá. Levava a metade e deixava a metade. Em tudo eu tinha que dar mil reais pra eles. Às vezes eu só vendia 200, 300 (reais).

OP - Quanto valia a pedra?
Cecília - Cada pedra é cinco reais.

OP - Quanto valia a pedra grande e você tinha quanto pra vender?
Cecília - Se fosse pra vender toda, valia mais de três mil (reais).

OP - Você tinha que dar quanto para os policiais?
Cecília - Tinha que dar mil reais da parte que ele deixou. Eles deixaram uma parte e levaram outra parte. Era dividido pra eles.

OP - Mas quem negociava diretamente contigo era o inspetor?
Cecília - Era. Quando iam lá em casa me visitar, iam todos três num... como é o nome do carro?

OP - Numa viatura?
Cecília - Não era uma viatura. Era uma... Saveiro azul.

OP - Qual sua idade nessa época?
Cecília - Tinha 13. Fiquei lá dois anos, até 15 anos.

OP - Você ficou sempre vendendo, vivendo disso?
Cecília - Foi. Aí teve um dia que uma menina foi comprar, uma menina de programa, e pediu pra fumar lá. Quando ela saiu, eu fui “expermentar”. Aí me “avicieei”.

OP - Você fuma crack desde essa época?
Cecília - É, foi.

OP - Quando você fumou a

